



Boletim eletrônico trimestral sobre a participação das mulheres no mercado de trabalho a partir dos dados da - Pesquisa Mensal de Emprego do IBGE -

Elaboração: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (SPM), Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para as Mulheres (UNIFEM) e Fundação IBGE

Apoio: Departamento de Desenvolvimento Internacional do Reino Unido (DFID)

Divulgação: Fevereiro/2006

1. Introdução

Em dezembro de 2005 a Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (SPM) com o apoio do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou o primeiro número do boletim *Mulher e Trabalho* com base nos microdados da Pesquisa Mensal de Emprego (PME). A ideia de se produzir um boletim com informações sistemáticas sobre a situação das mulheres no mercado de trabalho é uma iniciativa desta Secretaria com o objetivo de informar à população acerca dos movimentos cíclicos da força de trabalho feminina.

Como mencionado no número anterior, a participação de homens e mulheres no mercado de trabalho é bem diferenciada e desigual, mas a inserção feminina no mercado de trabalho a cada dia tem sido maior, vislumbrando um novo universo da análise social de gênero, o ambiente extra-doméstico. Neste contexto, é dada ênfase ao sentido econômico do trabalho das mulheres e o seu efeito no desenvolvimento humano delas no que se refere à autonomia e *empowerment*. Com efeito, a análise dos indicadores selecionados de atividade, ocupação, desocupação,



rendimento, tempo de procura por trabalho, participação em cursos de qualificação é de suma importância no processo de formulação e monitoramento de políticas públicas, como os programas de promoção do emprego das mulheres.

Este segundo número do boletim *Mulher e Trabalho* elaborado a partir dos microdados da PME para as regiões metropolitanas de Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre, nos meses de outubro, novembro e dezembro de 2005, dá continuidade às análises realizadas no primeiro número, permitindo fazer comparações com o trimestre anterior. As tabulações apresentam desagregações por faixa etária, grupos de anos de estudo, posição na ocupação e, além do recorte por sexo, a questão da cor/raça também foi adotada para denunciar a ocorrência da dupla discriminação no mercado de trabalho, e a situação precária enfrentada por grande parte das mulheres negras.

2. A participação de homens e mulheres no mercado de trabalho metropolitano brasileiro no quarto trimestre de 2005

Os resultados para o último trimestre de 2005 revelaram uma redução na desocupação e uma estabilidade no rendimento. Estes resultados, de certo modo, foram influenciados pelo efeito sazonal do fim de ano, em que se verifica um aumento do nível de ocupação, em parte influenciada pelo crescimento dos empregos temporários neste período e aquecimento das vendas.

A população em idade ativa (PIA) das 6 regiões metropolitanas do país (Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro São Paulo e Porto Alegre) neste período sofreu um incremento de cerca de 169 mil pessoas, sendo que a maior variação relativa foi para a população masculina 0,7% contra 0,4% para as mulheres. Com relação à população economicamente ativa (PEA) os resultados foram bem similares à PIA. O incremento de 89,4 mil pessoas na PEA trouxe resultados positivos, principalmente com a redução da desocupação.



A análise da taxa de atividade por grupos de idade revelou uma redução da participação dos homens brancos no mercado de trabalho de 0,4 ponto percentual, principalmente no grupo dos jovens de 15 a 24 anos de idade, cuja taxa passou de 62,3% para 61,4%. Com relação à atividade feminina as mulheres brancas aumentaram sua participação em 0,4 ponto percentual, enquanto que as mulheres pretas ou pardas de 35 a 49 anos de idade reduziram a participação de 0,5 ponto percentual (Gráficos 1 e 2).

Gráfico 1

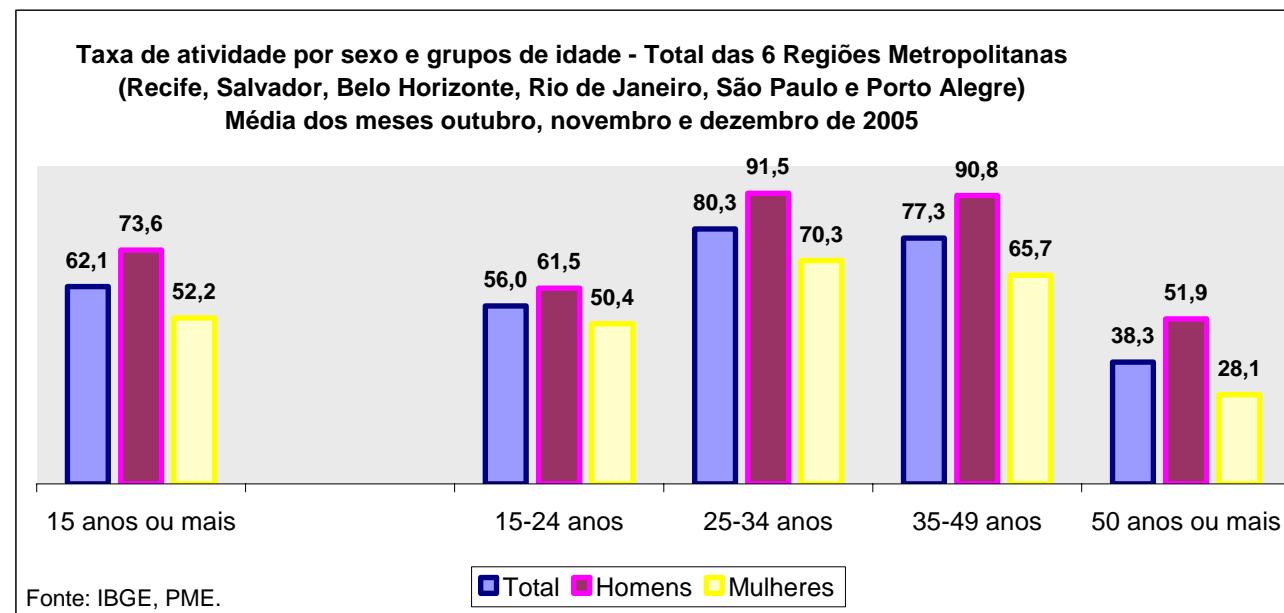
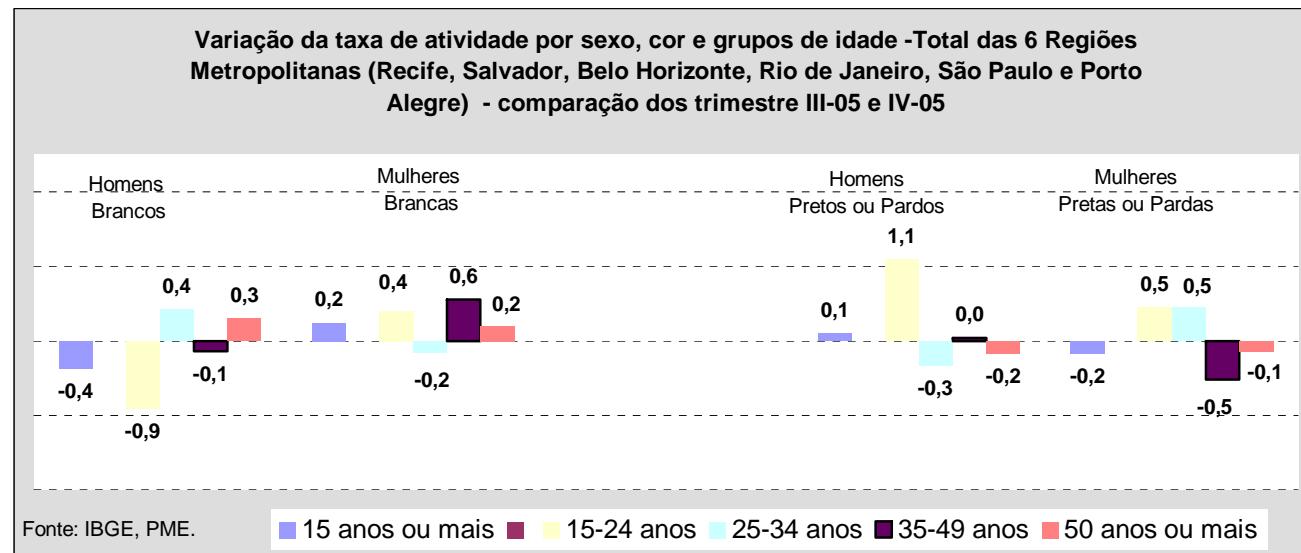


Gráfico 2



As flutuações observadas no indicador de inserção da população no mercado de trabalho comparando os dois últimos trimestres de 2005 foram diversificadas nos grupos de anos de estudo. A população com menos de 8 anos de estudo sofreu uma redução de 0,4 ponto percentual, enquanto que aquela com ensino médio completo (11 anos de estudo) teve um aumento de 0,4 ponto percentual. A análise por sexo revelou uma queda na atividade tanto para homens e mulheres com menos de 8 anos de estudo (0,4 e 0,5 ponto percentual, respectivamente). A participação das mulheres com nível médio aumentou em 0,4 ponto percentual, mas este aumento ocorreu principalmente entre as mulheres de cor branca (1,0 ponto percentual). Chama a atenção o comportamento diferenciado da atividade masculina e feminina com ensino superior



(12 anos ou mais de estudo): os homens neste nível de escolaridade reduziram sua participação em 0,5 ponto percentual, enquanto que as mulheres tiveram um aumento de 0,3 ponto percentual. Esse aumento na taxa feminina de nível superior foi influenciado pelo aumento da participação das mulheres pretas e pardas (variação de 0,5 ponto percentual). Outro aumento verificado para as mulheres pretas e pardas ocorreu no grupo de 8 a 10 anos de idade (0,4 ponto percentual). Por outro lado, as mulheres pretas e pardas com menor nível de instrução (menos de 8 anos de estudo) tiveram uma redução na atividade de 0,3 ponto percentual (Gráficos 3, 4 e 5).

Gráfico 3

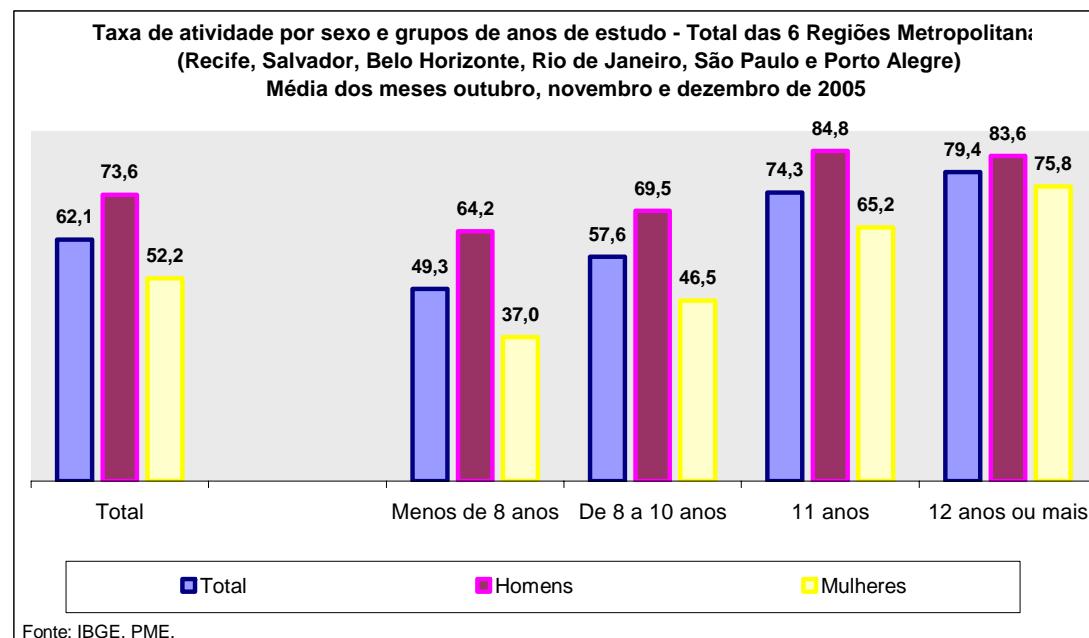


Gráfico 4

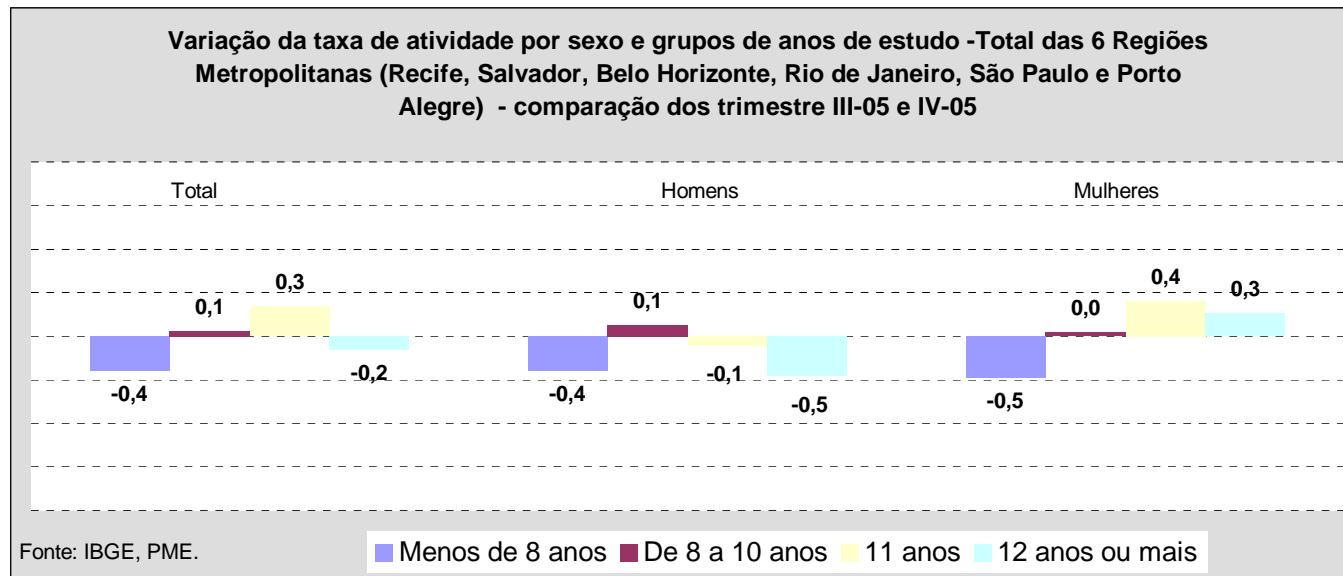
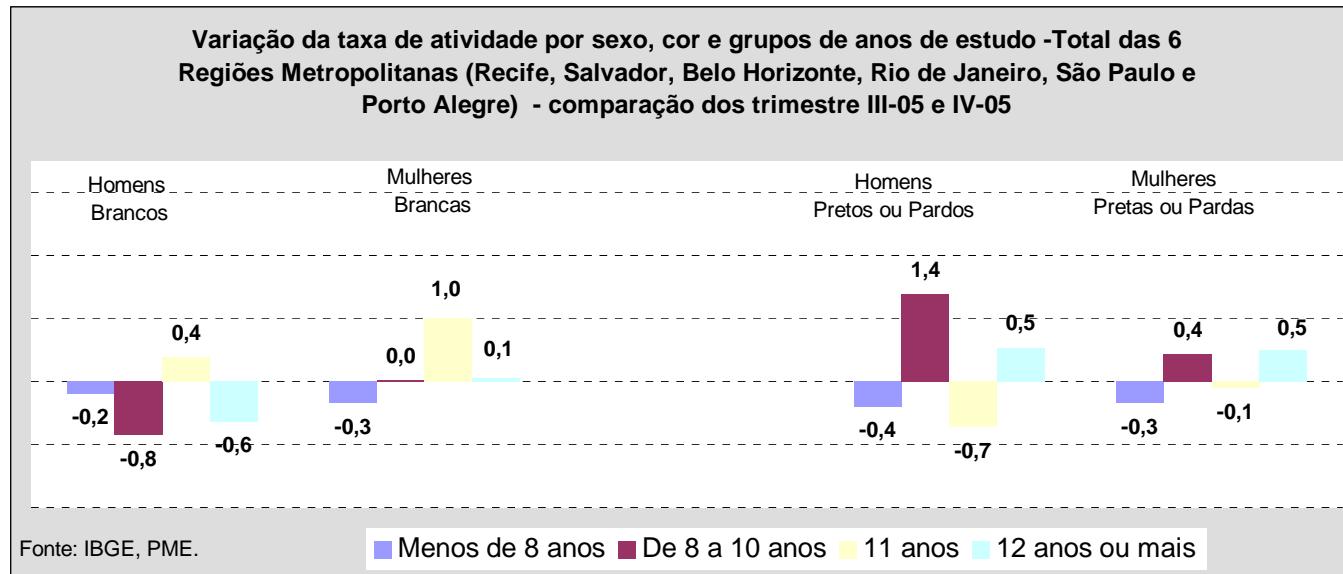


Gráfico 5



Os movimentos cílicos observados da população ocupada por posição na ocupação e sexo revelaram uma redução do trabalho doméstico (com e sem carteira) e um aumento de 0,4 ponto percentual na categoria de militar e estatutário entre as mulheres. A redução da participação no trabalho doméstico ocorreu particularmente entre as mulheres de cor branca, enquanto que o aumento na categoria de militares e estatutários ocorreu tanto para as mulheres brancas quanto para as pretas e pardas (0,3 e 0,4 p.p., respectivamente). A informalidade (medida pela proporção de trabalhadores domésticos sem carteira, empregados sem carteira e trabalhadores por conta-própria) no quarto trimestre de



2005 representava 43% da ocupação feminina, cujo índice sofreu uma redução de 0,5 ponto percentual em relação ao trimestre anterior, que, por sua vez, ocorreu principalmente entre as mulheres de cor branca (redução de 0,6 p.p.) (Gráficos 6 e 7).

Gráfico 6

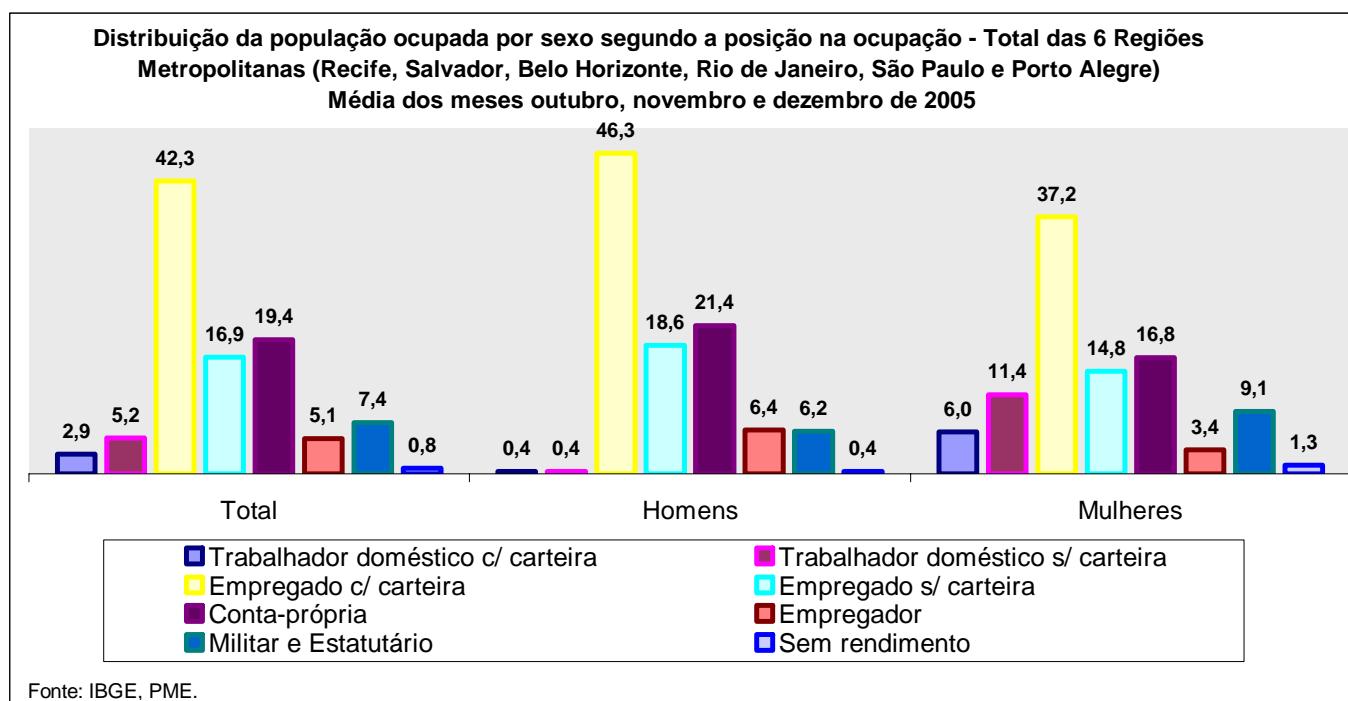
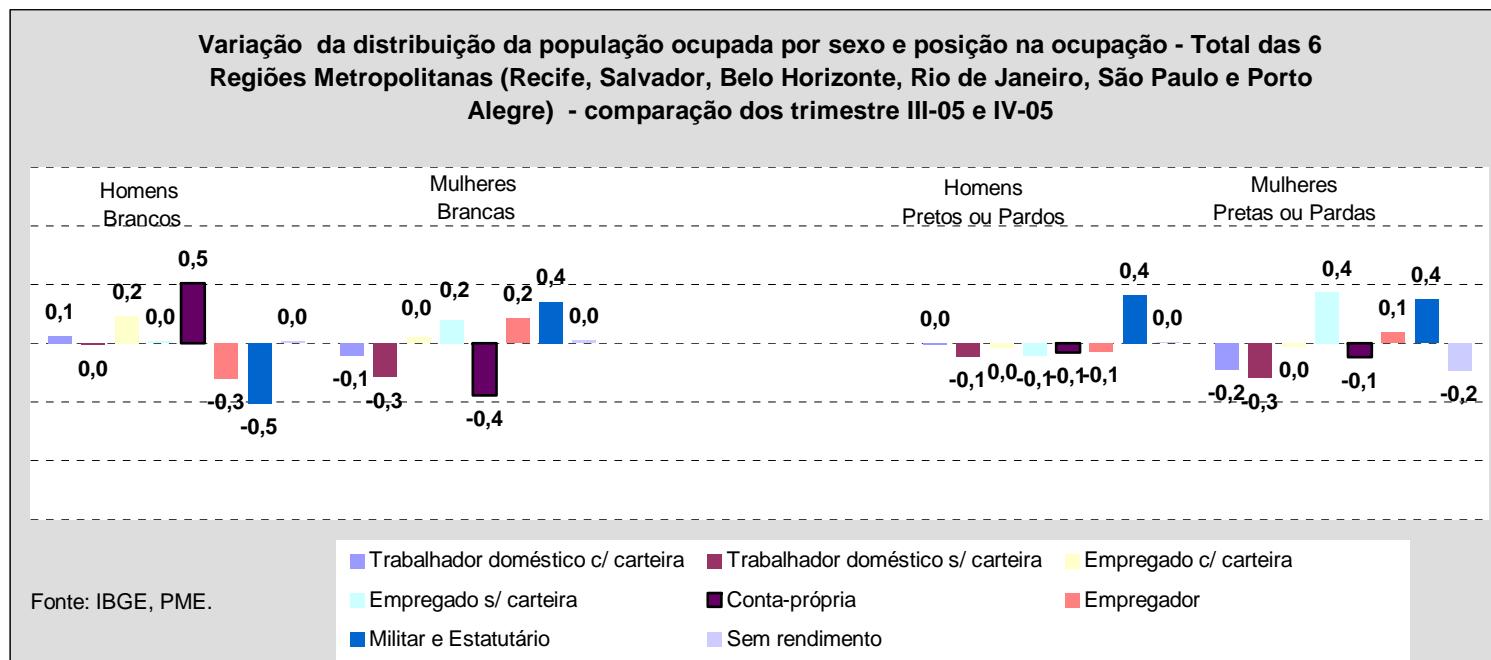
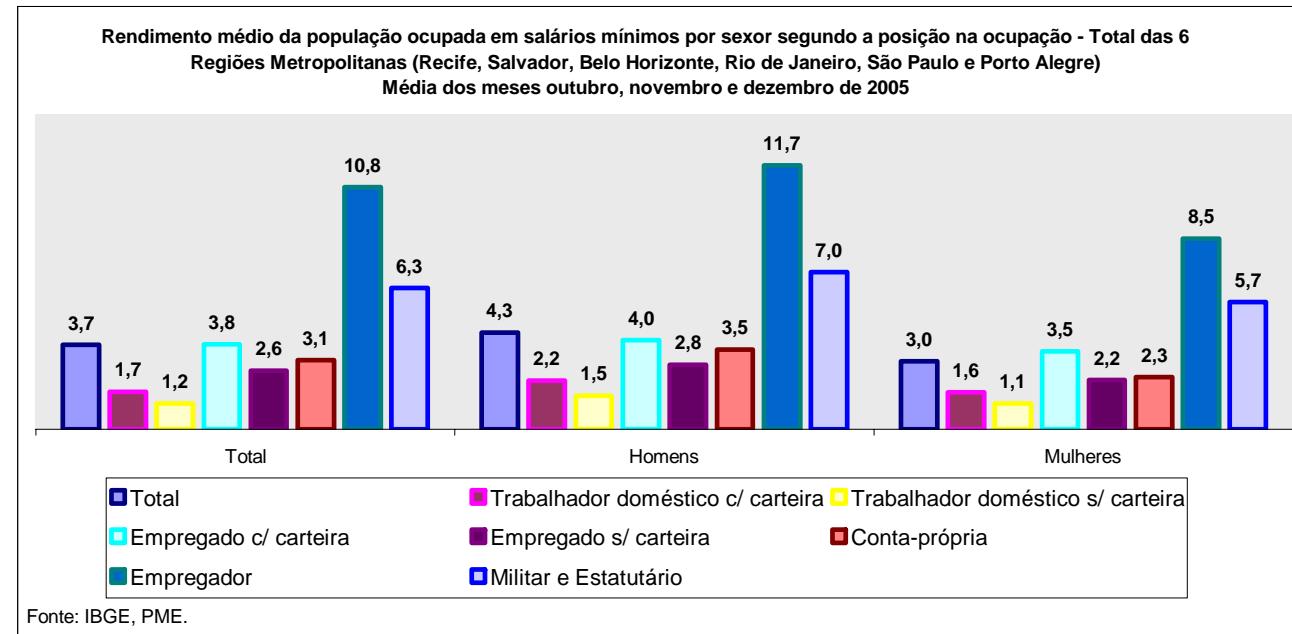


Gráfico 7



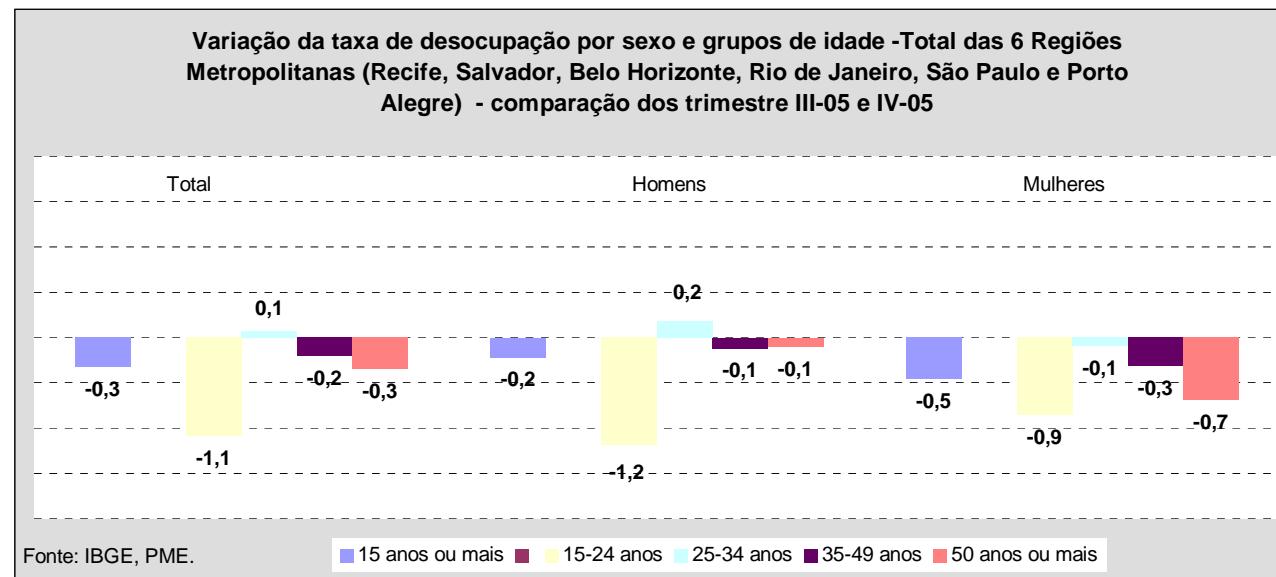
O rendimento médio, em salários mínimos, da população ocupada por posição na ocupação, praticamente se manteve estável no último trimestre de 2005, a única redução observada foi para as mulheres na categoria de empregador (Gráfico 8).

Gráfico 8



Com relação ao comportamento da taxa de desocupação, se verificou uma redução na taxa de 0,3 ponto percentual, que foi ligeiramente maior para as mulheres (0,4 p.p.). A maior redução da desocupação ocorreu entre os jovens de 15 a 24 anos de idade (1,1 p.p.), sendo um pouco mais intensa entre os homens (1,2 p.p. contra uma redução de 0,9 p.p. para as mulheres nessa faixa de idade). Contudo, cabe ressaltar que entre as mulheres jovens a redução da desocupação foi maior entre as mulheres de cor preta ou parda (1,1 p.p.). Outro grupo de idade que sofreu redução da desocupação foi o das mulheres com 50 anos ou mais de idade (uma redução de 0,7 p.p.) (Gráfico 9).

Gráfico 9



A análise da desocupação por grupos de anos de estudo mostrou movimentos na taxa com intensidades distintas entre a população segundo o sexo e cor. A maior redução da desocupação ocorreu para as mulheres pretas e pardas com 8 a 10 anos de estudo. A população com ensino fundamental completo e ensino médio incompleto foi a que sofreu a maior redução na taxa de desocupação (0,9 ponto percentual), principalmente as mulheres com essa escolaridade, cuja redução foi de 1,5 ponto percentual. Para a população com nível médio (11 anos de estudo), as mulheres com essa escolaridade tiveram uma redução da desocupação de 0,8 ponto percentual. Para a população com nível



superior, enquanto os homens apresentaram uma redução na desocupação de 0,5 ponto percentual, as mulheres tiveram um ligeiro aumento na desocupação de 0,2 ponto percentual. Mas esse aumento na taxa de desocupação entre as mulheres com nível superior ocorreu principalmente na categoria de cor preta e parda (0,7 p.p.), pois as mulheres brancas mantiveram o mesmo nível desocupação. As mulheres de cor preta e parda pouco escolarizadas (menos de 8 anos de estudo) também sofreram um aumento na taxa desocupação (0,5 p.p.) (Gráficos 10 e 11).

Gráfico 10

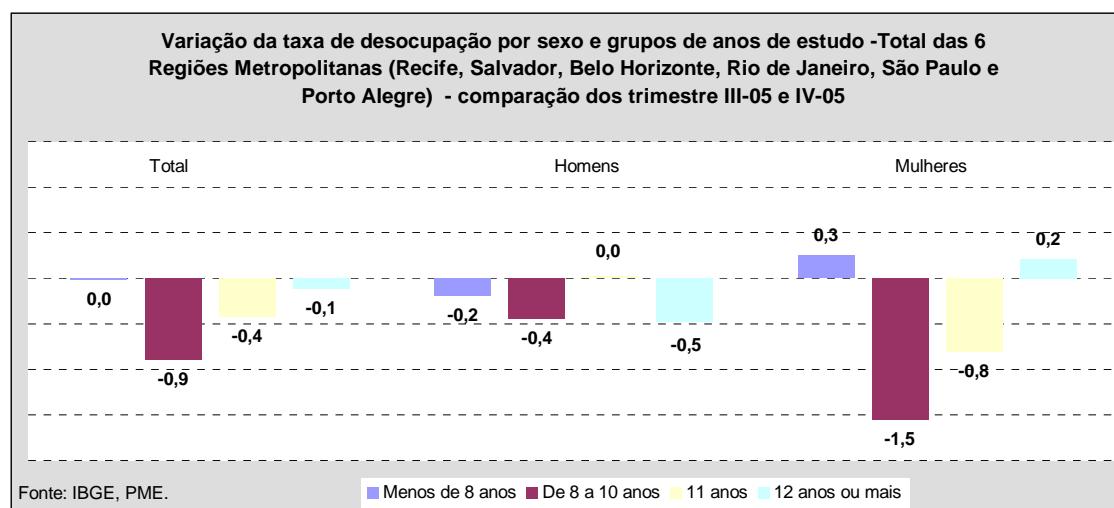
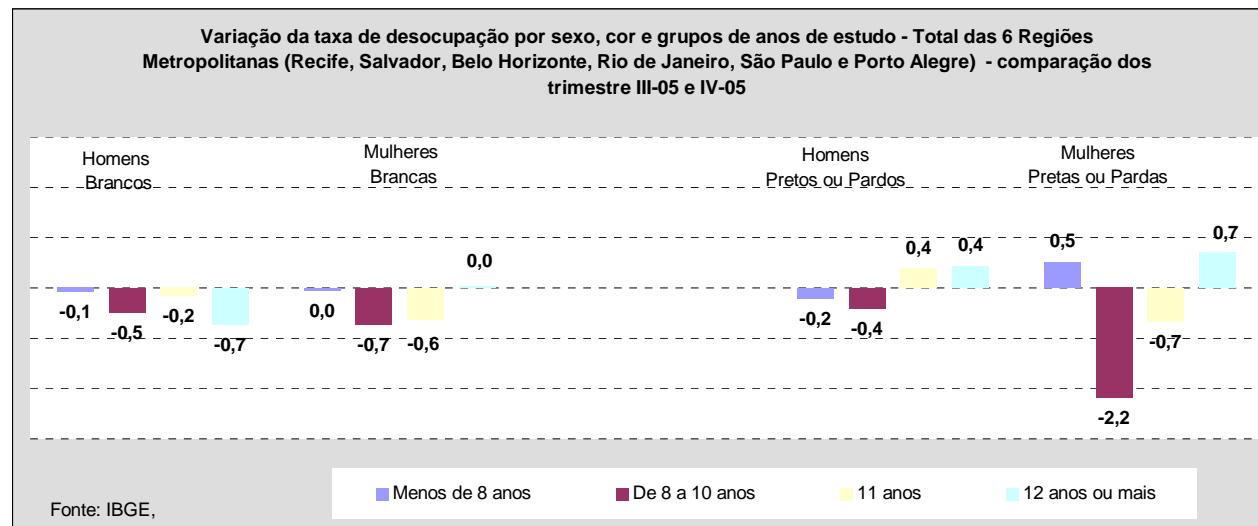
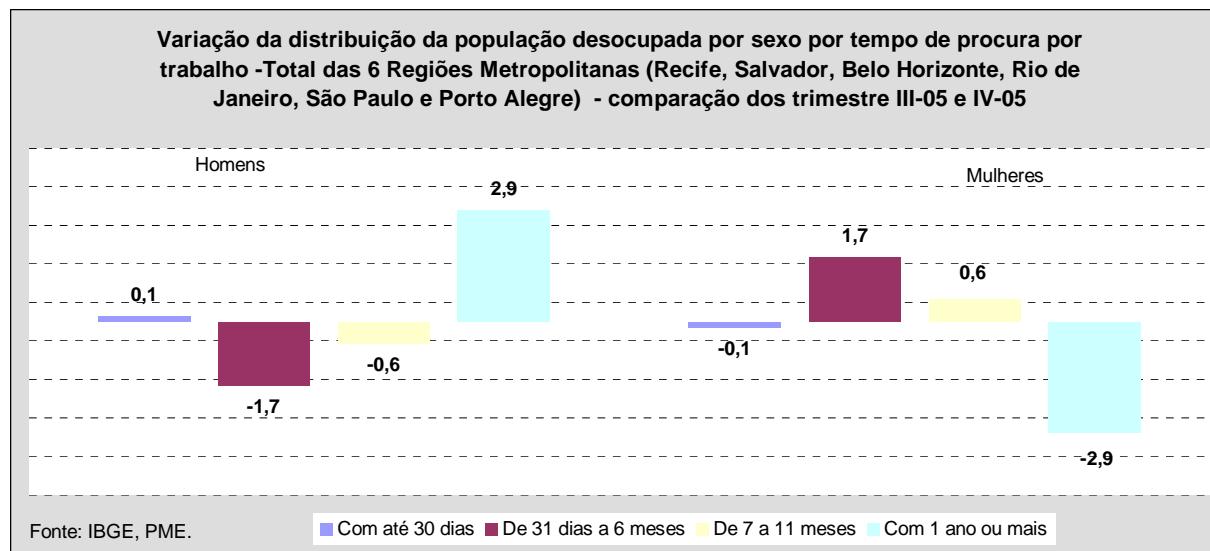


Gráfico 11



O tempo de procura por trabalho também sofreu oscilações em relação ao terceiro trimestre, enquanto se verificou um aumento de 2,9 pontos percentuais entre os homens que procuravam trabalho a mais de 1 ano, as mulheres tiveram uma redução da mesma magnitude neste tempo de procura. A análise das flutuações para os demais períodos de procura apresentaram comportamentos distintos entre homens e mulheres. A distribuição da população por sexo que procurava trabalho a menos de 30 dias praticamente se manteve, mas os homens tiveram um ligeiro aumento de 0,1 ponto percentual contra uma mesma queda entre as mulheres. Os homens reduziram sua participação nas classes de tempo de procura por trabalho a mais de 1 mês e menos de 6 meses (1,7 p.p.) e na de 7 a 11 meses (0,6 p.p.), contra um aumento da participação feminina (Gráfico 12).

Gráfico 12



Houve uma redução em ambos os sexos nos indicadores que mensuram o desemprego oculto - proporção da população que não procurou trabalho, mas gostaria de trabalhar e entre aqueles que gostariam de trabalhar além do número de horas que efetivamente trabalhou. Para o primeiro grupo de pessoas a redução foi de 0,5 ponto percentual para os homens contra 0,6 ponto percentual para as mulheres. No segundo grupo a redução foi de 0,3 ponto percentual para os homens e mais que o dobro para as mulheres (0,7 p.p.).



O indicador de freqüência a algum curso de qualificação da população desocupada apresentou um aumento de 1 ponto percentual entre os homens, registrando um nível de 26,9%, enquanto que as mulheres reduziram sua participação em 1,6 ponto percentual, mas ainda num nível ligeiramente superior ao dos homens (27,2%).

Com relação ao rendimento, no quarto trimestre de 2005, se observou uma redução no percentual de pessoas que recebiam menos de 1 salário mínimo (1,1 ponto percentual para os homens contra uma redução de 3,2 pontos percentuais para as mulheres). No entanto, vale destacar que nas regiões metropolitanas pesquisadas 42,4% das mulheres recebiam menos de 1 salário mínimo (Gráficos 13 e 14).

Gráfico 13

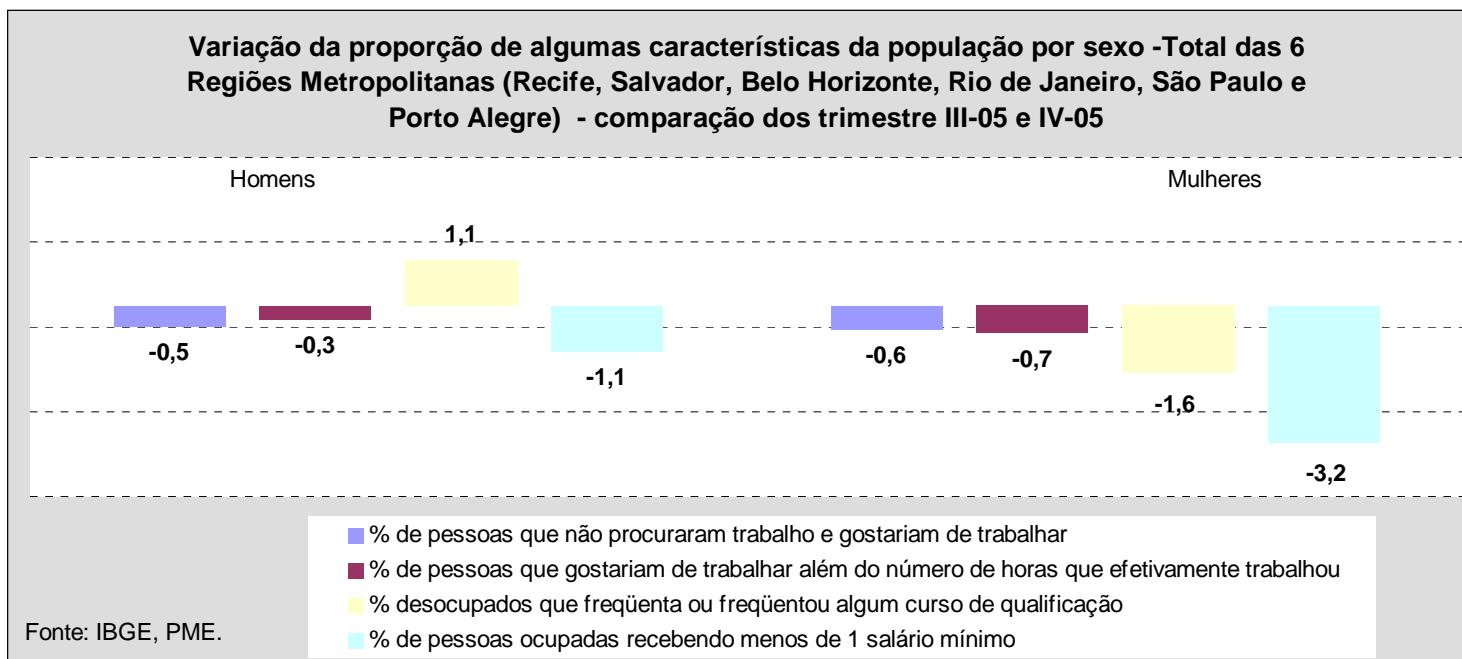
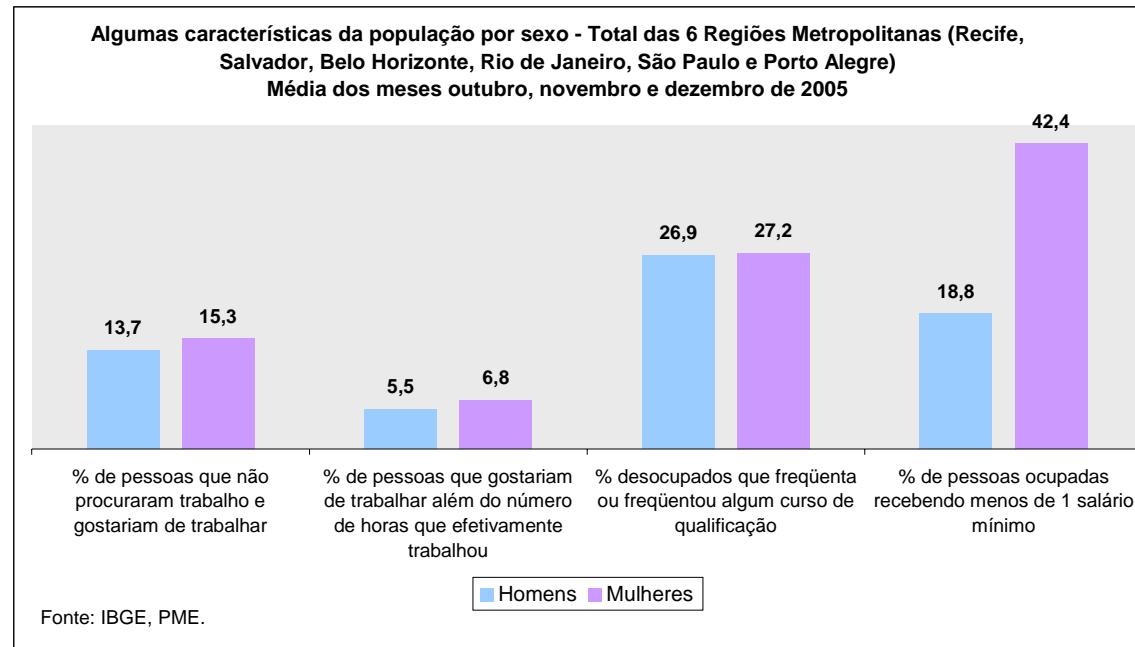




Gráfico 14



3. A dinâmica da mão-de-obra masculina e feminina nas regiões metropolitanas

O comportamento dos indicadores nas regiões metropolitanas foi bastante diferenciado segundo o sexo e cor da população. Com relação à taxa de atividade observou-se que as RMs de Salvador e São Paulo sofreram uma redução na taxa de 0,6 e 0,4 ponto percentual,



respectivamente, em relação ao terceiro trimestre de 2005. A população nas RMs de Belo Horizonte e Recife, por sua vez, aumentaram sua participação em 0,7 e 0,6 ponto percentual. Na análise por sexo, os destaques foram para a RM de Belo Horizonte onde as mulheres aumentaram sua participação em 1 ponto percentual, o dobro do aumento observado para os homens. Na RM de Porto Alegre a atividade feminina aumentou em 0,7 ponto percentual, enquanto que a atividade masculina, nesta região, sofreu uma ligeira redução de 0,2 ponto percentual (Gráfico 15).

A conjugação das informações de cor e sexo da população apontou para trajetórias diferenciadas considerando a população do mesmo sexo, mas cor diferente ou entre homens e mulheres na mesma cor. Na RM de Recife, a taxa de atividade das mulheres de cor branca sofreu uma redução de 0,7 ponto percentual, enquanto os homens brancos aumentaram sua participação em 0,5 ponto percentual. Na RM de Salvador as variações foram ainda maiores, mas na mesma direção observada para a RM de Recife. Para as mulheres brancas houve uma redução da participação no mercado de trabalho em 1,2 ponto percentual contra um aumento de 3,3 pontos percentuais para os homens nesta cor. Nas RMs de Belo Horizonte, Rio de Janeiro e Porto Alegre se observou um movimento oposto, ocorrendo um aumento na atividade feminina de cor branca e redução na masculina da mesma cor. Enquanto que em São Paulo, para ambos os sexos, a população branca sofreu redução da atividade, ainda que maior entre os homens (0,7 ponto percentual contra 0,2 para as mulheres). Na RM de Recife as mulheres pretas e pardas aumentaram sua participação em 1,3 ponto percentual, enquanto que as mulheres brancas sofreram uma redução de 0,7 ponto percentual. A atividade das mulheres brancas na RM de Salvador reduziu em 1,2 ponto percentual, já entre as pretas e pardas a redução foi menor (0,4 ponto percentual). Na RM de Belo Horizonte, as mulheres para ambos os grupos de cor sofreram um aumento na atividade, mas este foi ainda maior entre as brancas (1,3 ponto percentual). Enquanto que na RM de São Paulo a variação foi em sentido oposto ao verificado na RM de Belo Horizonte, onde ambos os grupos reduziram sua participação, mas a redução foi mais intensa entre as mulheres pretas e pardas. Foi na RM de Porto Alegre que se verificou as maiores variações. A atividade das mulheres pretas e pardas se reduziu em 1,7 ponto percentual, enquanto que as brancas aumentaram em 1 ponto percentual (Gráfico 16).

Gráfico 15

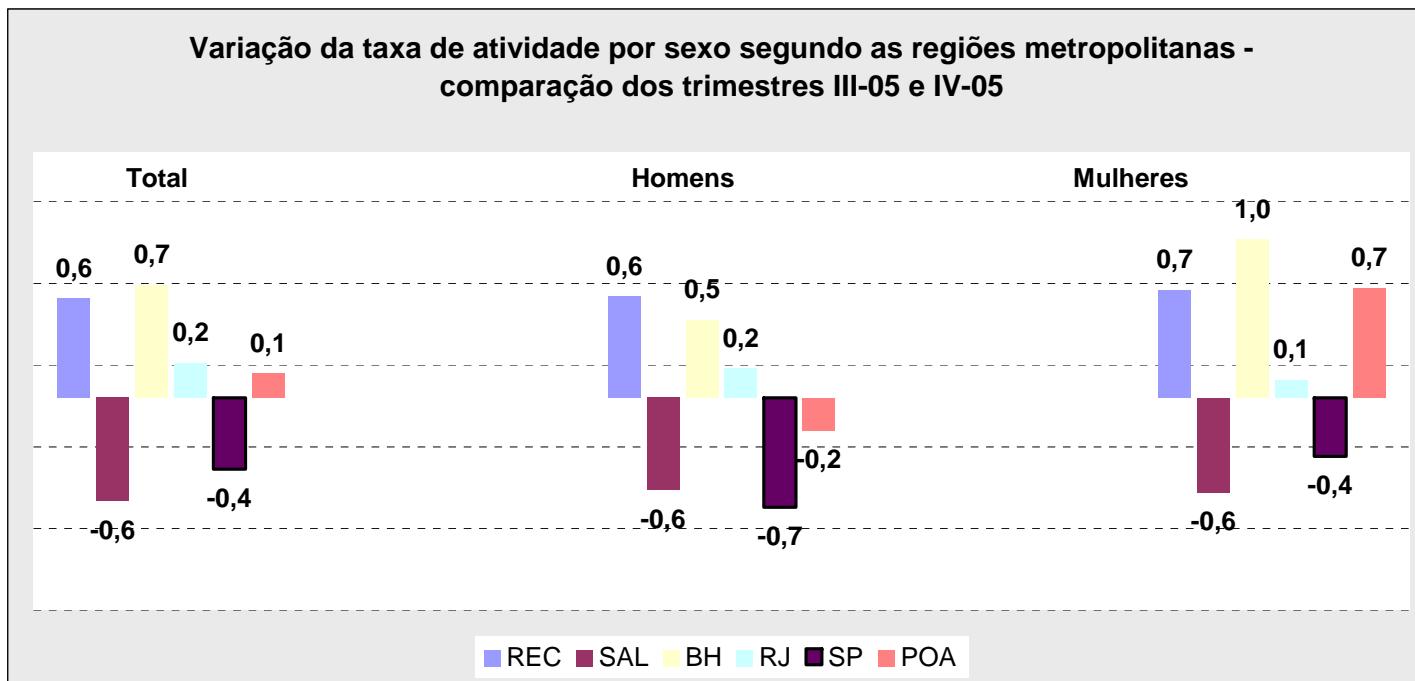
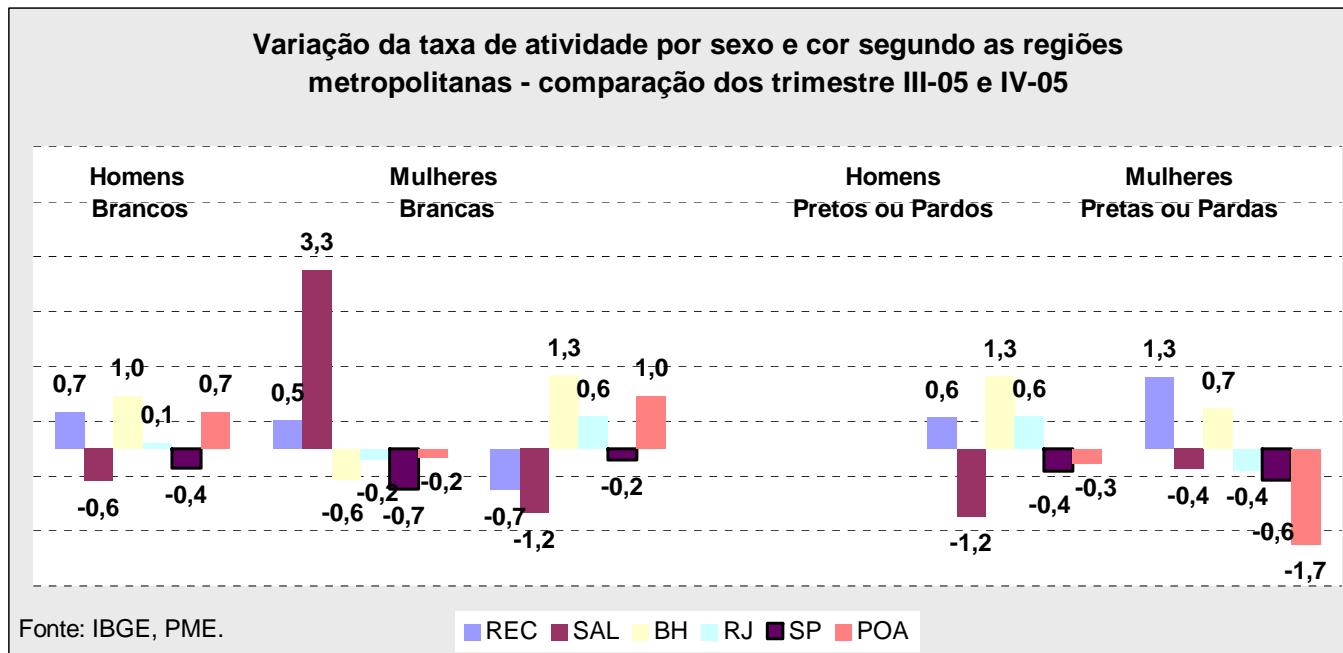


Gráfico 16



A análise do comportamento da taxa de atividade para as pessoas com menos de 8 anos de estudo nas RMs mostrou que, à exceção da RM de Recife, que aumentou a taxa de atividade de em 0,5 ponto percentual, todas as demais sofreram uma redução. A maior queda foi observada na RM de Salvador (1,4 p.p.). Na RM de Porto Alegre, enquanto os homens com esse nível de escolaridade aumentaram sua participação no mercado de trabalho em 0,5 ponto percentual, as mulheres reduziram sua participação em 0,8 ponto percentual. Essa redução

ocorreu principalmente entre as mulheres de cor preta ou parda, cuja redução foi de 5,0 pontos percentuais. A segunda maior queda observada na atividade das mulheres com menor nível de instrução ocorreu na RM de Recife para as mulheres de cor branca. Por outro lado, as maiores ganhos de atividade ocorreram nas RMs de Belo Horizonte, para as mulheres brancas (1,7 p.p.) e para as mulheres pretas ou pardas na RM de Recife (1,5 p.p.) (Gráficos 17 e 18).

Gráfico 17

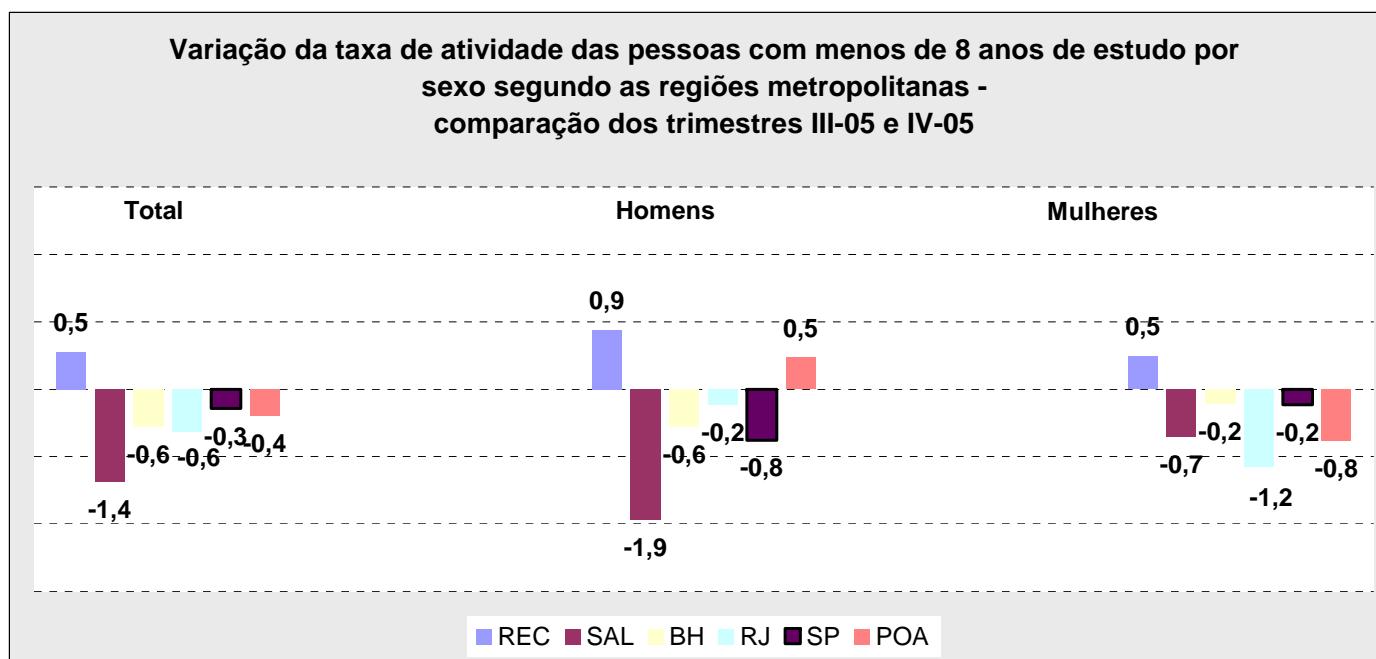
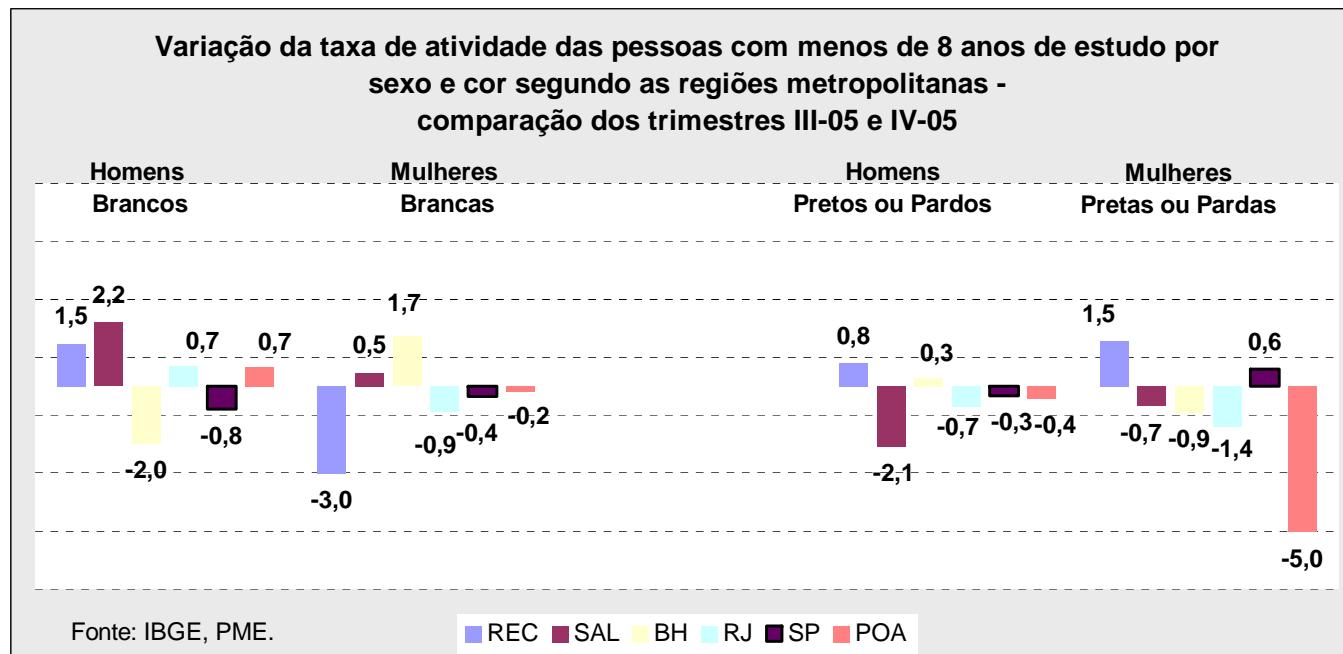


Gráfico 18



Para a população mais escolarizada (12 anos ou mais de estudo) a atividade aumentou na maioria das RMs, a única exceção foi São Paulo, que teve redução de 0,8 ponto percentual na população com esse nível de escolaridade. A população com nível superior na RM de Porto Alegre teve um aumento significativo de 4,2 pontos percentuais, mas este foi ainda maior para a população masculina (6,4 p.p.). Para as mulheres essa variação foi de 2,3 pontos percentuais. Esse aumento da atividade da população com nível superior foi mais acentuada para os



pretos e pardos. A participação dos homens pretos e pardos com 12 anos ou mais de estudo aumentou em 7,7% pontos percentuais na RM de Porto Alegre, enquanto que o aumento da participação das mulheres dessa cor foi de 5,5 pontos percentuais. As mulheres de nível superior de cor preta ou parda tiveram um aumento significativo na atividade na RM do Rio de Janeiro (3,9 p. p.). Na RM de Salvador, os homens de cor branca com nível superior aumentaram sua participação em 6,0 pontos percentuais, enquanto que as mulheres brancas reduziram sua participação em 4,4 pontos percentuais (Gráficos 19 e 20).

Gráfico 19

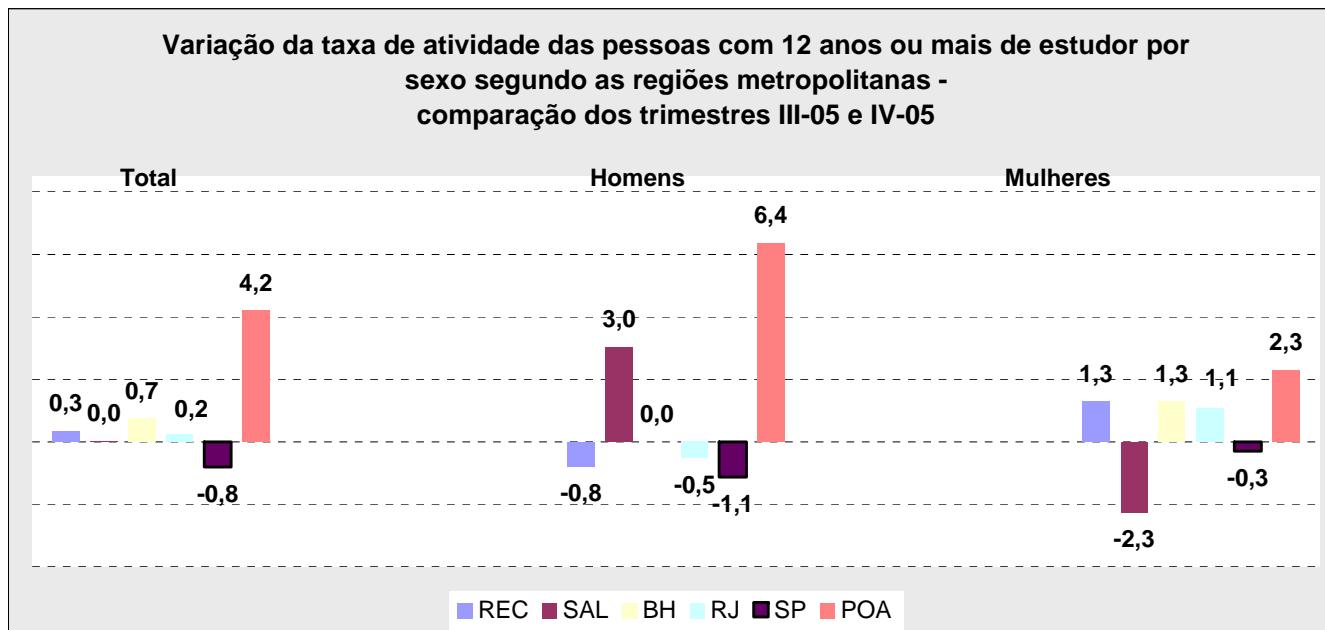
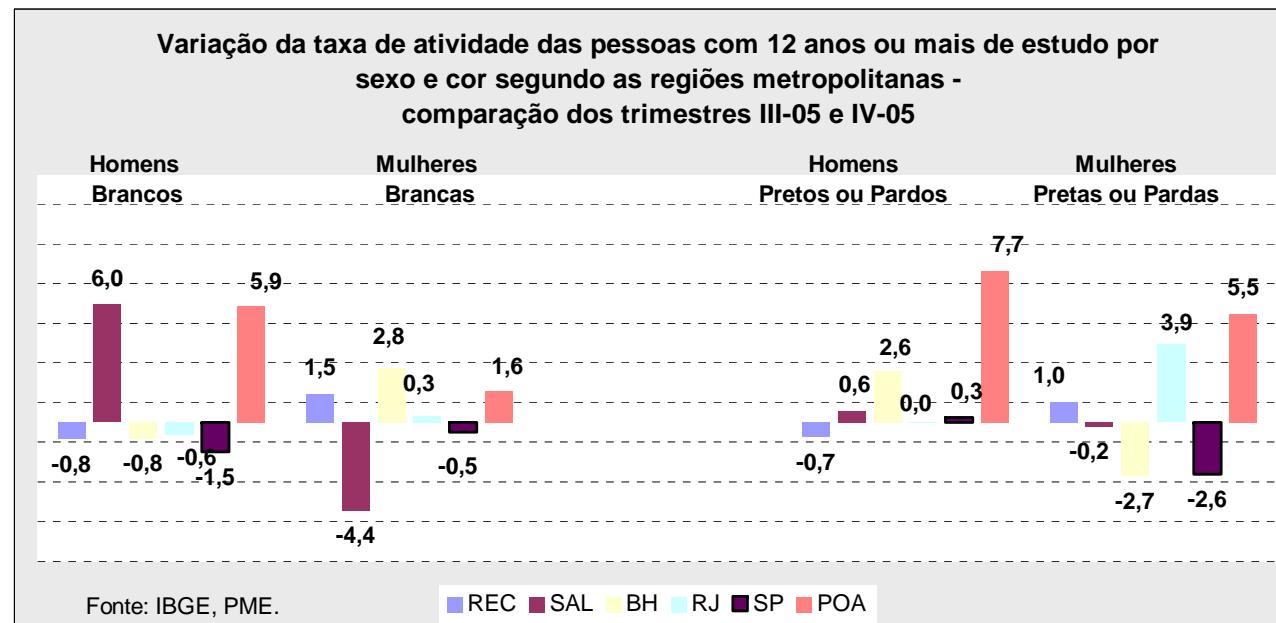


Gráfico 20



A variação da taxa de desocupação no período foi distinta entre as RMs. A RM que sofreu aumento na desocupação foi Recife (0,6 p.p.), o Rio de Janeiro praticamente manteve a taxa e nas demais regiões metropolitanas se verificou uma redução. Entre os homens, as RMs de Salvador e Belo Horizonte sofreram as maiores quedas na desocupação (0,9 e 0,8 p.p., respectivamente); enquanto que entre as mulheres a maior



queda na desocupação foi observada na RM de São Paulo (1,2 p.p.). Por outro lado, cabe ressaltar que na RM de Recife a desocupação feminina aumentou em 1 ponto percentual, principalmente entre as mulheres de cor branca, cuja variação foi de 1,4 ponto percentual. Na RM de Salvador a redução da desocupação entre as mulheres foi o dobro da observada entre as mulheres pretas ou pardas (1,8 e 0,9 p.p., respectivamente). Foram as mulheres de cor preta ou parda na RM de São Paulo que ocorreu a maior redução na taxa de desocupação (2,3 pontos percentuais). Não obstante, se verificou um aumento na desocupação entre as mulheres pretas ou pardas nas RMs de Belo Horizonte (0,6 p.p.), Rio de Janeiro (0,4 p.p.) e Porto Alegre (0,8 p.p.) (Gráficos 21 e 22).

Gráfico 21

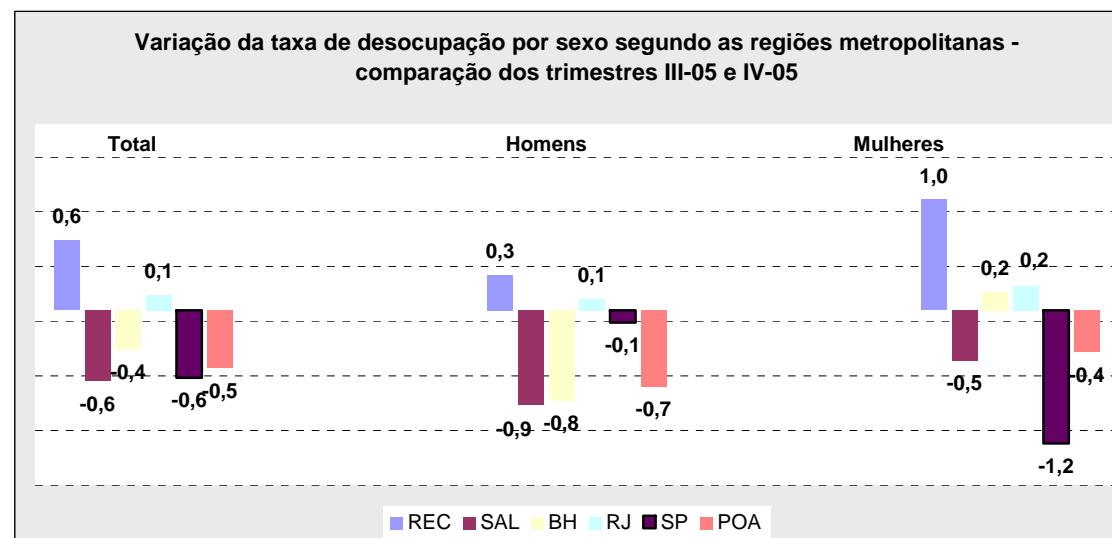
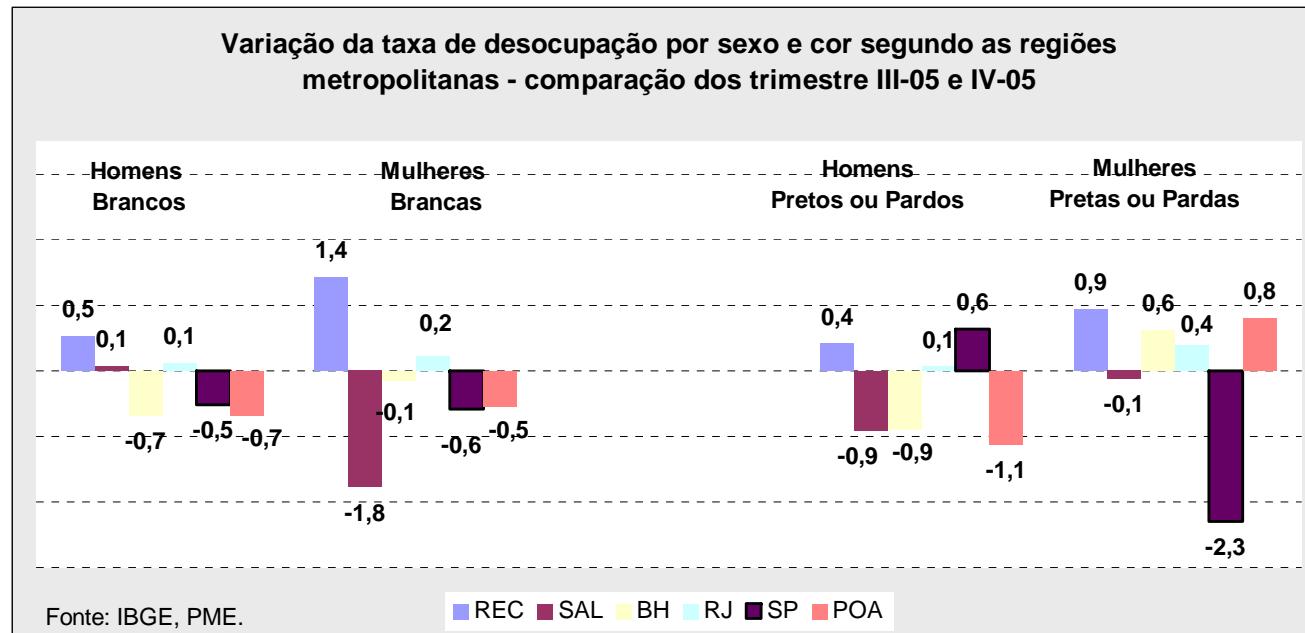


Gráfico 22



O emprego com carteira aumentou principalmente nas RMs de Belo Horizonte e Rio de Janeiro (1,5 e 1,3 p.p., respectivamente). Para as mulheres, o maior aumento verificado para o emprego com carteira foi na RM de Rio de Janeiro (1,6 p.p.). Houve redução do emprego feminino com carteira somente na RM de São Paulo (1,0 ponto percentual). Para as mulheres de cor branca essa redução foi 0,8 ponto percentual, enquanto que para as mulheres de cor preta ou parda foi de 2,2 pontos percentuais. No entanto, a maior variação no emprego

com carteira entre as mulheres de cor branca ocorreu na RM de Belo Horizonte e na RM do Rio de Janeiro para as mulheres as mulheres pretas ou pardas, ambas aumentaram a proporção em 2,1 pontos percentuais (Gráficos 23 e 24).

Gráfico 23

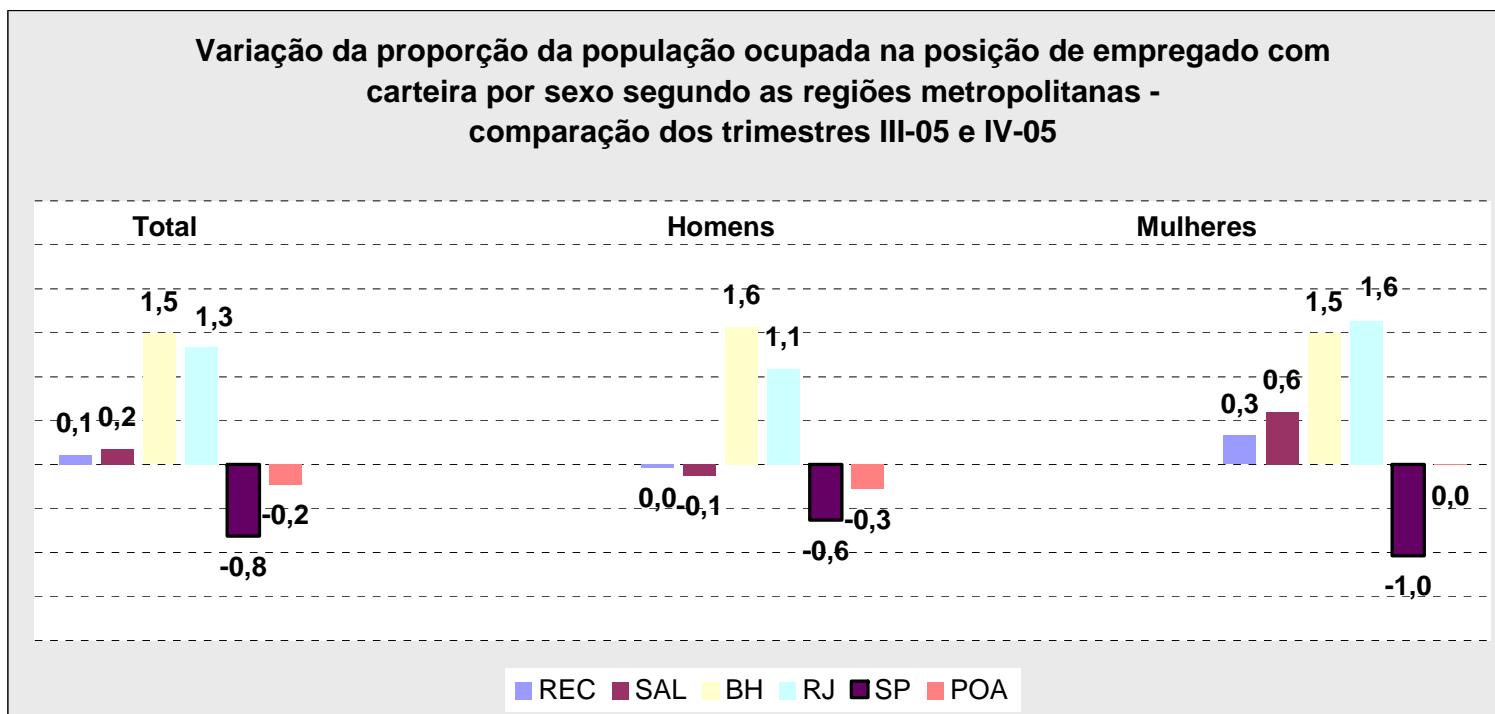
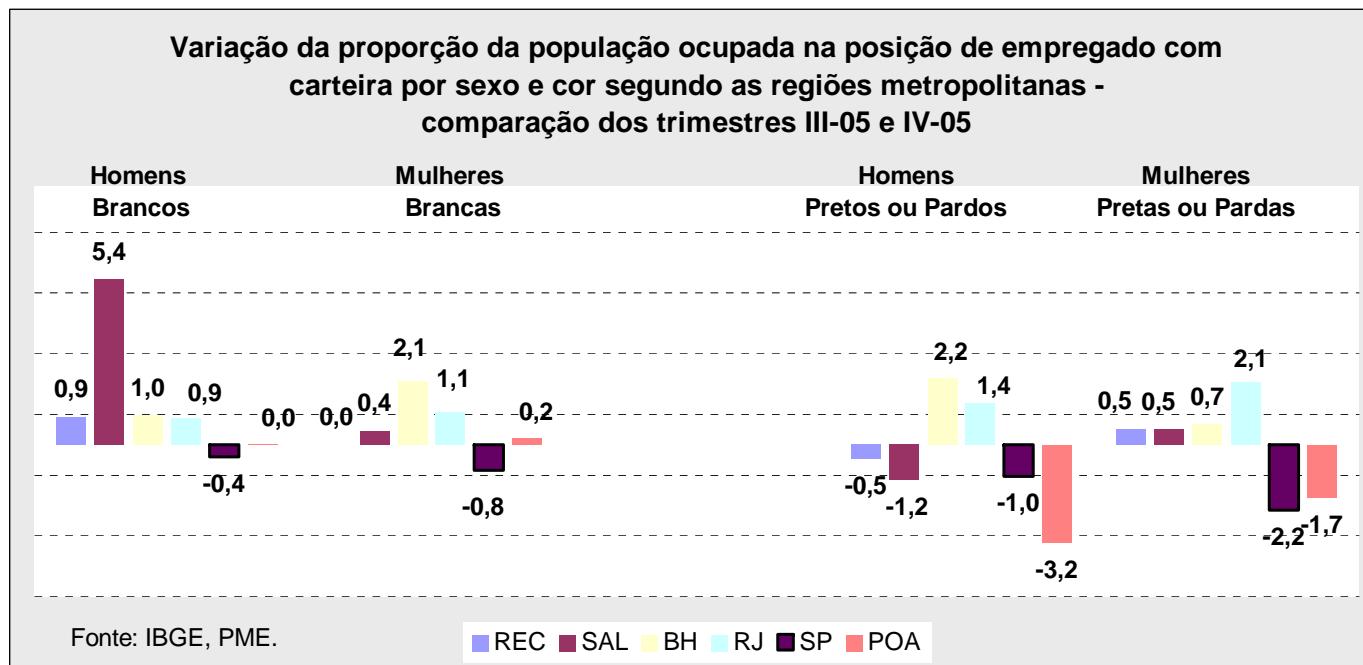
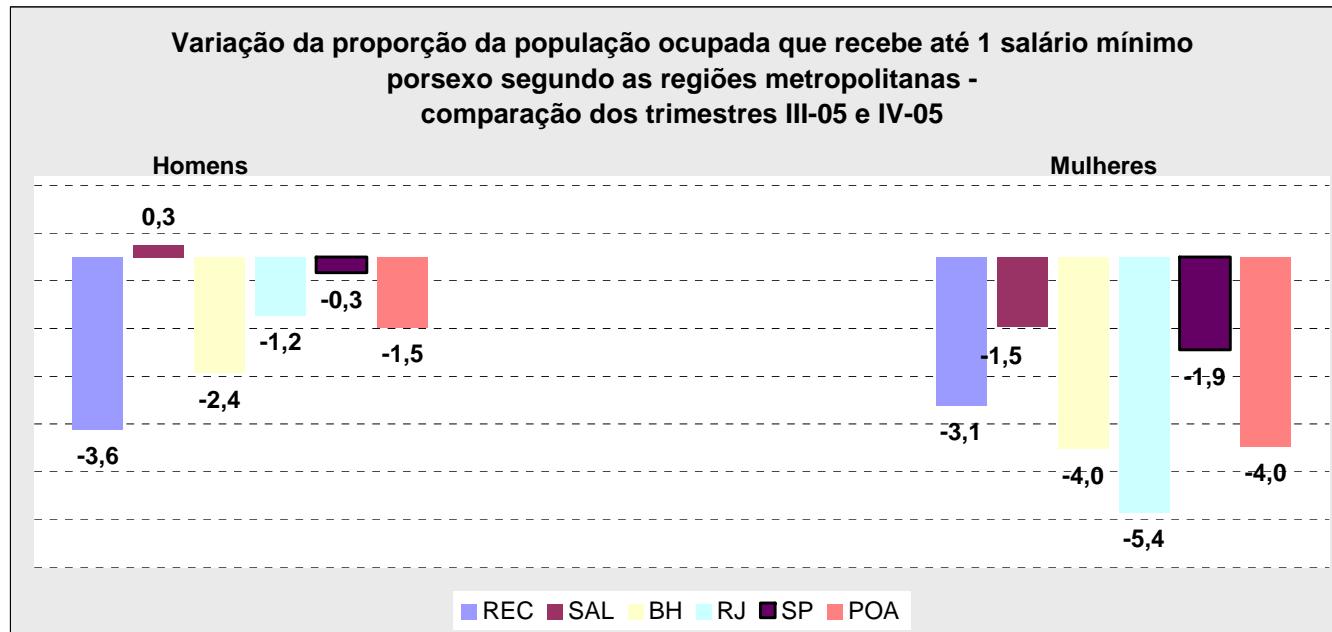


Gráfico 24



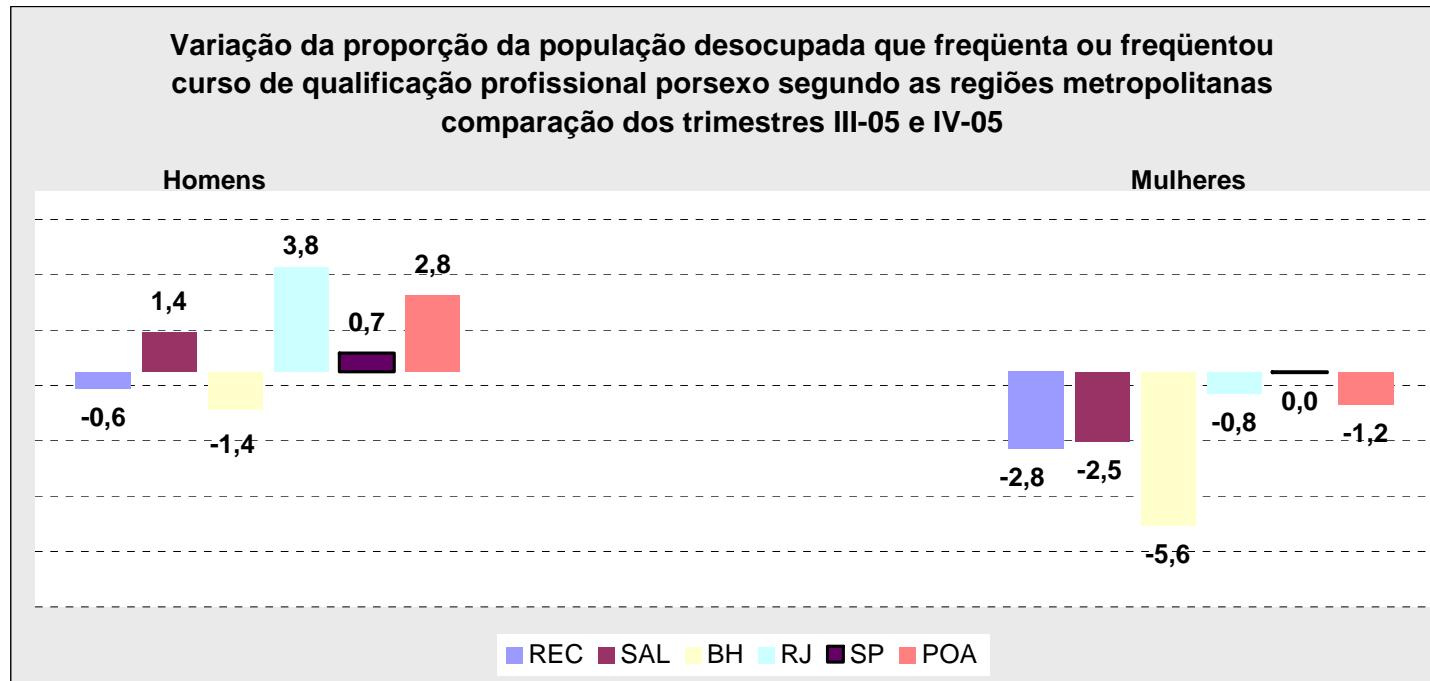
A proporção da população ocupada que recebia menos de 1 salário mínimo se reduziu na comparação dos dois últimos trimestres de 2005, mas foram as mulheres na RM do Rio de Janeiro que tiveram a maior redução (5,4 p.p.). A única exceção foi a RM de Salvador, que sofreu um pequeno aumento na proporção de homens que recebiam menos de 1 salário mínimo (Gráfico 25).

Gráfico 25



A análise da variação na freqüência em curso de qualificação profissional nas regiões metropolitanas revelou o maior aumento entre os homens nas RMs do Rio de Janeiro (3,8 p.p.) e Porto Alegre (2,8 p.p.); enquanto que a maior queda foi verificada na RM de Belo Horizonte (1,4 p.p.). Para a população feminina, a maior redução foi observada quanto à participação em cursos de qualificação foi também na RM de Belo Horizonte (Gráfico 26).

Gráfico 26



Nas regiões metropolitanas, o aumento na proporção de pessoas que gostariam de trabalhar além do número de horas que efetivamente aumentou em Belo Horizonte e Rio de Janeiro entre os homens ocupados; enquanto que as maiores quedas observadas foram para os homens na RM de Porto Alegre (1,6 p.p.) e para as mulheres em São Paulo (1,4 p.p.). Outro indicador que pode ser considerado desemprego oculto, que é a proporção de pessoas que não procuraram trabalho, mas gostariam de trabalhar se observou uma redução deste indicador na maioria

das RMs, a única exceção foi no Rio de Janeiro, cujo aumento foi de 0,1 ponto percentual para as homens e 0,7 ponto percentual para as mulheres (Gráficos 27 e 28).

Gráfico 27

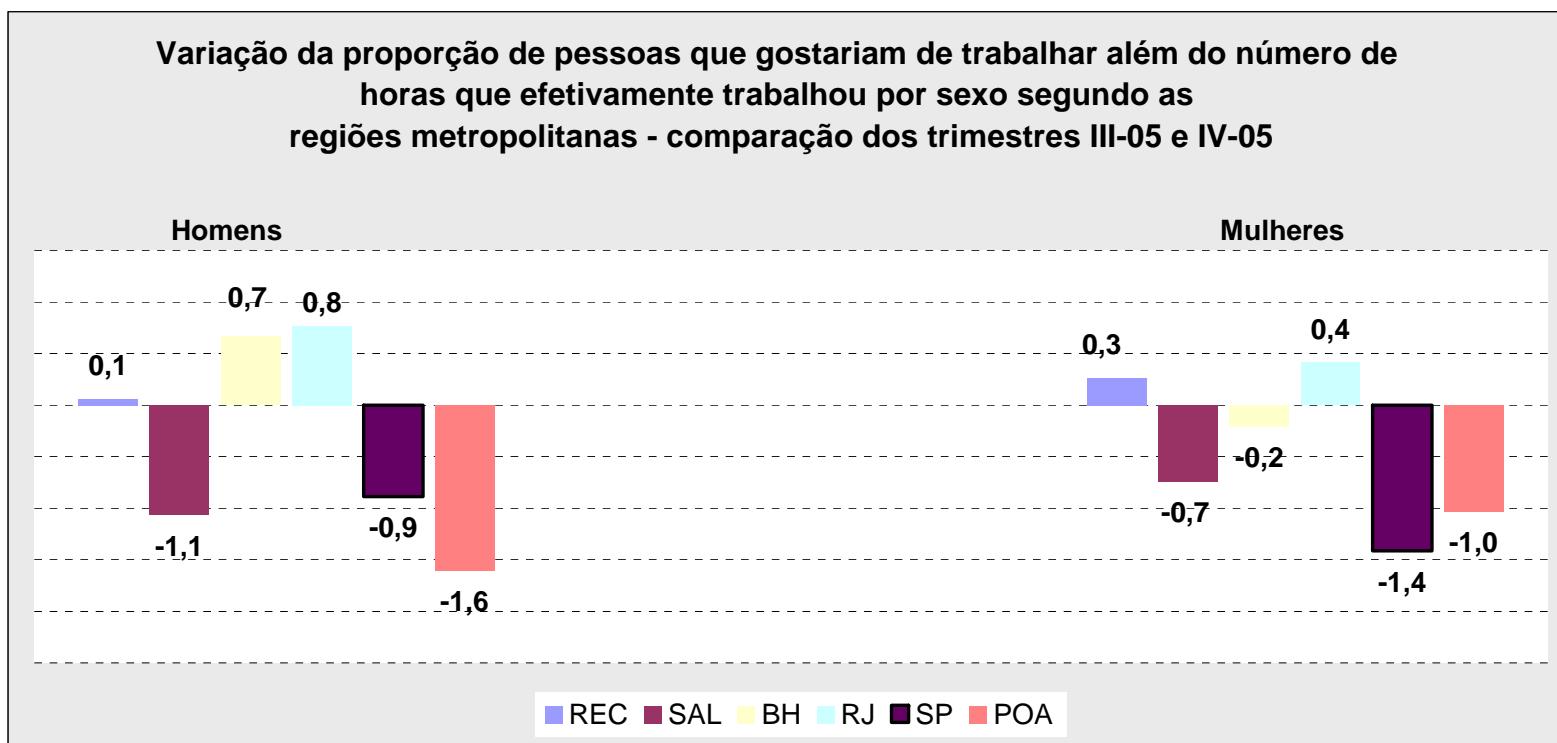


Gráfico 28

